



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

PERCEPÇÕES SOBRE FEMINILIDADE NO JUDÔ FEMININO BRASILEIRO DE ALTO RENDIMENTO

Gabriela Conceição de Souza
Sebastião Josué Votre

RESUMO

No contexto em que a participação feminina em esportes antes ditos masculinos é crescente, este artigo tem como objetivo identificar e interpretar as percepções de atletas de judô da seleção brasileira de alto rendimento sobre sua feminilidade e perturbações à própria aparência, através de entrevistas com dez atletas e da observação dos treinamentos da seleção brasileira. Constatamos que, embora persistam preconceitos sobre a participação das mulheres nesses esportes, há evidência de que as praticantes não mostram preocupação com preconceitos e estereótipos próprios de esportes que demandam força expressiva e uso de uniformes volumosos, que não favorecem a estética feminina.

Palavras-chaves: Judô; Feminilidades; Artes Marciais

INTRODUÇÃO

Esperava-se das mulheres brasileiras desportistas da virada do século XIX para o século XX que tivessem corpos simétricos, belos, segundo os padrões de beleza e delicadeza da época. Entretanto, as mudanças no cenário desportivo de meados do século XX com a ampliação da atuação feminina em desportos como o futebol, lutas, dentre outros esportes, trouxeram questionamentos que demandam reflexões sobre as feminilidades que são observadas no processo de preparo para as competições, que implicam desenvolvimento de sua força muscular e, em consequência, de sua compleição corporal.

No início do século XX, dentro de ambientes privados, as mulheres praticavam atividades físicas de forma controlada, de maneira que os padrões eugênicos e higiênicos fossem respeitados. Intelectuais e médicos aconselhavam que as práticas fossem reguladas e indicavam as atividades mais adequadas, como natação, remo e algumas modalidades do atletismo. Nenhuma que ferisse sua feminilidade (RUBIO, MATHIAS, 2009).



A feminilidade aqui apresentada é um conjunto de características objetivas e subjetivas da mulher. Nas condições objetivas, elas devem ser bem cuidadas em sua forma estética, belas, vaidosas, desprovidas de traços físicos rudes e que se assemelham a estética masculina, com músculos definidos. Nas subjetivas devem ser delicadas, graciosas, frágeis e possuir decoro. Não devem fazer gestos rudes ou usar vocabulário impróprio (GOELLNER, 2007a; RUBIO, MATHIAS, 2009).

Estas características eram cada vez mais reforçadas ao longo das primeiras décadas do século XX, em decorrência dos avanços sociais ao redor do mundo, como o sufrágio e a participação profissional das mulheres em consequência da segunda guerra, por exemplo. Até chegar o ponto de leis determinarem as atuações próprias às mulheres em 1941.

“Por razões biológicas, eram asseguradas como características das mulheres a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais e a subordinação da sexualidade a vocação maternal. A gestação e a maternidade eram as justificativas para esses cuidados” (RUBIO, MATHIAS, 2009, p. 196).

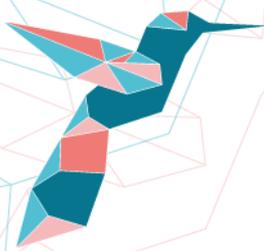
Estes atributos da feminilidade vão diretamente de encontro a esportes que possam ferir alguma destas características, sendo considerados impróprios às mulheres. Dentre estes esportes, está o judô, uma luta de extremo contato e força física.

Para Dunning (1992), esta luta se enquadra no perfil de “desportos de confronto”¹ cuja violência, “na forma de «representação de luta» ou de «confronto simulado» entre dois indivíduos ou grupos, é um ingrediente fulcral e legítimo” (p. 394).

Dunning, em 1970 cita o termo desporto de reserva masculina, em referência a competições de rugby, quando apenas homens poderiam praticar e assistir a este jogo. Segundo Dunning e Maguire (1992, p. 394) essas modalidades são caracterizadas por virilidade e agressividade, semelhantes ao judô. Logo, entendemos que o judô está inserido nas modalidades de reserva masculina.

As mulheres não se enquadrariam no perfil desses esportes, que supõem força, resistência e agressividade, tipicamente masculinas. Os indivíduos aptos a participar destes esportes seriam homens fortes e agressivos. Entretanto a evolução das ideologias, sobretudo feministas, da virada do século XX para o século XXI e dos valores sociais de uma participação feminina mais atuante no desporto atesta como as mulheres inovam neste campo, como mostram potencial para participar nas práticas esportivas, tornam-se influentes e

¹ DUNNING, 1992, p. 394.



adquirem um empoderamento que lhes confere o direito de exigir presença expressiva em meios antes prioritariamente masculinos.

Diante do cenário atual de crescente participação feminina no judô, este artigo tem como objetivo identificar e interpretar as percepções de atletas de judô da seleção brasileira de alto rendimento sobre sua feminilidade e perturbações a própria aparência.

A justificativa para o desenvolvimento deste estudo se deve a necessidade de dar visibilidade a mulheres atletas do alto rendimento de um esporte de reserva masculino, sobretudo sobre uma luta que exige treinamento especial, que molda seus corpos através de músculos exponencialmente definidos. Goellner (2007a) aborda a reação que esta nova configuração corporal de mulheres atletas provoca nos olhares:

Por certo seus corpos tencionam olhares acostumados ao mesmo, pois desestabilizam e colocam em xeque representações que identificam serem virtuosas as atitudes belas e femininas de um corpo de mulher em ação. Para além dos imaginados danos físicos que esses esportes considerados como violentos podem causar às mulheres (e que também causam aos homens) outro perigo se avizinha: o temor à “masculinização”. (GOELLNER, 2007a, p. 7)

Para a autora, o foco da abordagem está no aparato visual, na aparência de “masculinização” e acrescenta: “se não parece ser uma mulher, o que é então? Uma mulher masculina?” (p. 7). A estética da mulher transformada pela intensa prática de exercícios passa a ser alvo de estranhamentos que estimulam estudos como o aqui proposto.

As hipóteses que apresentamos estão ancoradas na percepção das atletas sobre seus corpos desconstruírem os padrões hegemônicos de feminilidade ao serem submetidos a exercícios sistemáticos com peso e treinamento contra resistência. Seus corpos, trabalhados exaustivamente nas atividades de treinamento no alto rendimento, exibem definição muscular, o que faz com que sejam atribuídas características parcialmente distintas dos padrões de feminilidade propostos pela sociedade, como descreveu acima Goellner (2007a).

MÉTODO

Os dados deste estudo² de abordagem qualitativa foram coletados através de um roteiro de entrevista semiestruturada, respondido por 10 atletas integrantes da seleção brasileira de judô feminino, em outubro de 2013, durante um treinamento de campo no interior do Brasil e da observação de campo com os diários de campo dos treinamentos

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto/ UERJ sob o CAAE 35562514.0.0000.5259.



realizados no Parque Aquático Maria Lenk, nos meses de janeiro, fevereiro e agosto de 2013, após a autorização da CBJ e da técnica da seleção brasileira de judô feminino.

As questões das entrevistas foram seguidas de um termo de consentimento livre e esclarecido, e emergiram das percepções na observação de campo dos treinamentos.

As idades das informantes variam entre 18 e 26 anos e elas representam diversos estados do Brasil: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Piauí, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

A decisão de fazer o presente estudo foi motivada pela leitura de Magnani (2002), para quem o olhar *de dentro e de perto* do observador nas etnografias contribui para a compreensão da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade de um determinado grupo. Para a observação dos treinamentos foram considerados os objetivos do treinamento, a quantidade de homens e mulheres em cada treino, a interação entre as mulheres e os homens antes, durante e após os treinamentos, e as situações de combate entre homens e mulheres. As observações foram registradas em um diário de campo.

A ADESÃO AO JUDÔ

As respostas à primeira pergunta mostraram que havia uma representação de esporte masculino para o judô, retratada por cinco das dez respondentes. Naquela época, mesmo com os avanços no esporte nacional, a sociedade entendia que o judô era um esporte que apenas os homens deveriam praticar, enquanto as mulheres deveriam praticar esportes sem impacto ou com pouco contato físico, acompanhando os achados dos estudos sobre os esportes femininos do início do século XX (GOELLNER, 2007a; RUBIO, MATHIAS, 2009) onde as mulheres deveriam preservar sua integridade física e cultivar a beleza e plasticidade.

Ao ingressarem no judô, as atletas vivenciaram desconforto e mesmo enfrentamento, com colegas ou com familiares. Não é pacífica a aceitação da participação feminina no judô. Da mesma forma como estas atletas não se desencorajam a praticar este esporte, outras mulheres nas equipes de base também persistem, ao lado das que não resistem à discriminação e abandonam o esporte.

Portanto há evidência de que, mesmo sendo uma prática em que as informantes reingressaram em um momento de expansão do esporte, persistia o imaginário de reserva masculina. As próprias praticantes viam o judô como um esporte masculino, apesar do que, nele permaneceram.



No contexto familiar, duas informantes descreveram que as famílias não apoiavam suas práticas no início de suas carreiras, mas a maior parte das atletas reconheceu que em suas famílias não havia preconceito.

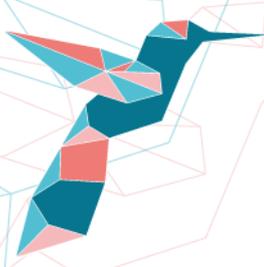
As reações de familiares e amigos estão em consonância com o estudo de Souza e Mourão (2011) que relataram a história de vida de dez judocas que aderiram ao judô entre os anos 1960 e 1970, onde cinco informantes também tiveram acesso ao judô através de familiares, duas especificamente começaram o judô logo após seus irmãos aderirem ao esporte, outras duas aderiram ao judô por tradição familiar, pois seus pais eram professores de judô e uma delas começou o judô incentivada pelo pai, que era lutador de boxe. Entretanto elas apresentaram relatos de situações preconceituosas ao longo de suas vidas, sobretudo uma das atletas, por ser negra. Os depoimentos eram afinados com a cultura dos esportes que deveriam ser praticados por mulheres e dos esportes que deveriam ser praticados por homens.

Como se espera dos esportes como o judô, os depoimentos aqui apresentados expressam uma realidade que vem mudando, mas que ainda precisa dar largos passos em direção à igualdade de oportunidades. Discussões como o papel da mulher e o papel do homem na sociedade, mulheres serem homossexuais ao/por praticarem esportes contundentes, dentre outros aspectos que determinariam a prática devem ser ultrapassados, questionados e superados. Para Silva, Gomes e Queirós (2006) “o desporto, enquanto bem cultural, ainda não se pode considerar como um meio de libertação. Há ainda guetos e preconceitos a abater.” (p. 1).

OS TRIENAMENTOS

Quando questionamos as atletas sobre o que pensavam sobre treinar com homens, esperávamos reflexões críticas sobre a convivência e coexistência dentro do mesmo ambiente de prática de treinamento. Verificou-se que há complementação em busca da eficiência, pois ambos os gêneros ganham. Uma mulher que queira aumentar seu desempenho na luta de judô tem a opção de treinar com homens mais fortes com mesmo peso; já os homens que queiram o mesmo, não possuem esta opção; entretanto, se querem realizar um treinamento com menor exigência de força, eles optam por treinar com uma mulher. Estes acordos de gênero são frequentes nos treinamentos de judô do alto rendimento, como foi observado ao longo dos treinamentos da seleção brasileira.

Ainda com relação às expectativas de respostas, esperávamos comprovar que haveria alguma indicação de aproveitamento menor do tempo e espaço para as mulheres em razão de



existir um número maior de homens. Estas observações podem ser verificadas atualmente nos treinamentos promovidos pela Confederação Brasileira de Judô, com as equipes principais masculina e feminina. Quando verificamos o planejamento independente da equipe feminina, percebemos que as mulheres continuam recebendo os homens nos treinos, o que não ocorre quando o treinamento é parte do planejamento masculino.

Nos treinamentos, foram observadas características diferentes a partir do tipo de distribuição de gênero. Nos treinamentos mistos, havia uma separação em três grupos para serem realizadas as lutas: masculino leve, masculino pesado e feminino. As mulheres de categorias mais pesadas eram incluídas nos treinamentos junto aos homens. Nem todos os homens mais pesados treinavam com elas. Nos treinamentos femininos, havia a participação de oito homens para vinte mulheres.

Nas respostas aparecem também outras interpretações, diferentes das previstas, sobre as concepções relacionadas ao treinamento com pessoas de mesma força ou de força superior. Os acordos de gênero por parte das mulheres são reforçados para as demais atletas, uma vez que a condição de força superior dos homens prevalece, como verificamos na fala das informantes:

Eu acho ótimo treinar com homens, assim posso treinar mais forte (informante 1).

Acho necessário o treinamento com homens, pois querendo ou não possuem mais força que nós, [...] (informante 4).

Porque dá para sair na porrada e eles não reclamam e com minha categoria há poucas mulheres no Brasil, a maior parte do tempo eu treino com homens (informante 7).

Acho muito bom, não somente para treinar mais força, mas também velocidade. Geralmente o homem é mais forte e mais rápido, então ajuda muito no treino, pois eles nos exigem muito mais (informante 8).

Pois fisiologicamente o homem é mais forte e quando enfrento homens penso em melhorar minha performance (informante 9).

Na fala da informante 7 destacamos dois aspectos, um com relação ao fato de as mulheres que dariam suporte ao seu treino não aguentarem a imposição física despendida pela atleta e, em segundo lugar que estas auxiliares seriam em menor quantidade, o que justifica seu treinamento com os homens. A falta de material humano neste caso foi utilizada para justificar a frequência de treinamentos com o sexo oposto. Mas, mesmo que existissem mais mulheres, esta opção ainda seria a mais utilizada por comportar um nível de agressividade e emprego de força que as demais mulheres não comportam.



Mesmo que as discussões sobre as desigualdades entre homens e mulheres sejam recorrentes e que se constate a busca por igualdade na participação desportiva de ambos os sexos, Devidé (2005) ressalta, em seu estudo sobre a participação feminina em jogos olímpicos da era moderna, que as diferenças devem ir além dos aspectos fisiológicos. As diferenças físicas como força, altura, velocidade são claras, embora as mulheres possuam excelentes valências físicas, para atuarem no alto rendimento. Essa discussão do determinismo biológico vem justificando as desigualdades e as razões que levam as mulheres a terem menos oportunidades que os homens, sobretudo pela quantidade inferior de mulheres atuando em todos os esportes. Bourdieu (2007) em sua obra sobre a dominação masculina discute amplamente sobre aspectos objetivos e subjetivos desta relação de dominação, destacando aos determinismos culturais e sociais que subjulgam as mulheres, sobretudo pelos atributos físicos, que culminam na falta de participação delas em diversas esferas na sociedade. O que destacamos aqui, durante os treinos de judô, é que há uma complexa relação estabelecida, mas de acordos entre homens e mulheres, onde a ordem de interação entre eles leva em consideração os determinismos biológicos como produtor de um bem maior para as mulheres e não o contrário.

“Eu acho importante, pois posso treinar com uma maior resistência, exigir mais da minha mente e corpo, e sendo totalmente profissional” (informante 2). No relato da informante 2 vê-se o reconhecimento da importância de se treinar com homens, mas ao citar que pode ser ‘profissional’, a informante nos dá indícios de que há uma possibilidade de mulheres e homens se aproveitarem de uma situação de luta de agarre como é o judô para interesse afetivo entre os praticantes, o que supostamente ocorre em iniciantes do judô e demais lutas de agarre (luta olímpica, jiu-jitsu, dentre outras)³. Na fala da informante, percebemos, então, que pelo fato de estarem no alto rendimento, as judocas estão livres do estereótipo de “maria-tatame”, sem precisar se preocupar em como estariam interagindo com o sexo oposto durante um treinamento. Não bastasse o estereótipo de homossexuais às mulheres que lutam e que são musculosas, também há a conduta inversa, uma vez que a remuneração de atletas de lutas no alto rendimento atraía mulheres interessadas neste fim, nem que, para isso, tenham que aderir às lutas.

³ Analogamente às Maria-chuteiras do futebol, estão as Maria-tatame, que são mulheres que frequentam aulas de judô e jiu-jitsu para se aproximarem de lutadores em ascensão.

Gosto, apoio e me sinto bem, com homens consigo aprender e experimentar experiências (reflexos, velocidade). Acredito que sempre fez diferença nos meus treinos (informante 3).

Eu acho uma coisa extremamente normal treinar com homens, porque faço isso desde criança e eles nos ajudam muito, porque são mais fortes e exigem bastante da gente, durante os treinamentos (informante 6).

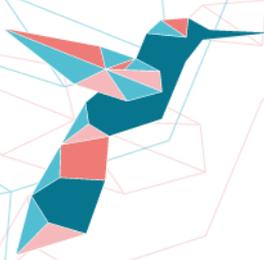
Eu toda a vida treinei com homens e eu me sinto mais forte e isso me ajuda nos meus desempenhos de competição (informante 10).

Estes depoimentos indicam ser uma prática recorrente e que se tornou normal para as atletas contar com a participação masculina; além da força física, reaparece como justificativa a afirmação de que há uma demonstração de reconhecimento na melhora da própria performance.

No estudo de Guérandel e Mennesson (2007) sobre as interações entre homens e mulheres no judô, quando foram observadas dezesseis sessões de treinamento de judô no alto rendimento na França, ficou constatado que há uma relação de gênero complexa, pois a cultura comum transmitida ao longo dos anos, por vezes, tende a homogeneizar o comportamento de gênero e passa a ter um efeito sutil na dominação masculina, revelando detalhes do processo de construção de gênero para esses judocas que, ao mesmo tempo em que devem respeitar o código de interação ligado à sua condição de judocas, separada por categorias e classes, também devem lidar com as tendências que decorrem das suas experiências sociais. Embora os autores tenham observado o antes, durante e depois dos treinos, perceberam que as sutilezas da dominação masculina apareciam ao longo dos combates, quando uma mulher conseguia derrubar um homem e este reagia de maneira a recuperar a honra perdida durante o treino, como se estivesse colocando a mulher em seu lugar. No estudo francês, ficou evidente que havia uma relação estreita entre o papel da mulher e do homem, seja dentro da área de treino, seja fora.

As mulheres brasileiras analisadas aqui não estão preocupadas com papéis socialmente construídos, mas sim com sua própria performance. Durante os combates não se percebia uma relação de dominação dos homens. Inferimos que os homens, nestes treinamentos femininos, se assemelham às máquinas e a qualquer outro recurso de treinamento que faz parte da preparação física de uma atleta: aparelho de musculação, treinamento funcional, dentre outros recursos. Há uma participação destes homens incluída na periodização dos ciclos de treinamento para melhora do desempenho das judocas.

Nos termos de Dunning (1992), que dá o rúgbi e o futebol como exemplos de esportes reservados aos homens, à medida que as mulheres se tornavam mais ativas politicamente, elas



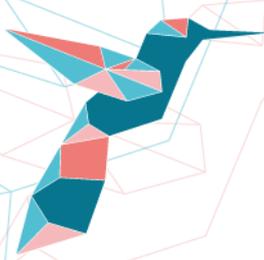
se tornavam ameaças para estes espaços considerados espaços reservados ao gênero masculino, de maneira que as torcidas insultavam sua presença a fim de intimidá-las. Muitos homens viam esta “invasão” das mulheres como uma ameaça à sua masculinidade bem como temiam uma feminização da sociedade (Messner, 1987 citado por Dunning, 1999). No entanto, a progressiva emancipação das mulheres mudou o contexto sociocultural. O espaço ocupado nos treinos e competições não é mais apresentado como exclusivos de um ou de outro sexo, sobretudo quando há uma participação igualitária entre as equipes no cenário internacional. Esta participação igualitária que se verifica no judô reflete e constitui uma mudança nas relações de poder entre homens e mulheres (Colwell, 1999).

O que vem sendo discutido neste artigo reflete uma relação proativa e produtiva tanto para homens quanto para mulheres, desautorizando a crença de que o judô seria um esporte reservado a homens ou estereotipado.

FEMINILIDADES

A expectativa na resposta à questão sobre o que pensam sobre feminilidade em atletas de judô era a de que as atletas avaliassem o que é ser feminina praticando o judô. Ao mesmo tempo provocamos uma questão sobre judô e masculinização do corpo que visava captar reações ou a percepção da influência do judô no corpo das atletas sob a perspectiva de uma visão construída culturalmente na sociedade sobre esportes que estavam sendo praticados por homens e mulheres e que, em décadas anteriores, eram praticados apenas por homens. Nossa expectativa era que as atletas dissessem, em consonância com a representação que a sociedade tem do judô, que este esporte robustecia seus corpos, com uma composição mais musculosa e definida, associada ao que se espera de um homem vigoroso e ativo. Percebemos estas características nos discursos de atletas. Este item foi provocado e, de certo modo, resultou em respostas em que as atletas salvam a face, no sentido de Goffman. Salvar a face, no sentido aqui empregado, se refere a sustentar uma impressão ou defender um posicionamento para os outros de algo que foi construído socialmente. A compreensão de como os indivíduos salvam a face permite estudar as formas de interação social de um determinado grupo (GOFFMAN, 1980).

A feminilidade está associada a ser mulher e tem como característica comportamentos e gestos sutis, comedidos, domados; a beleza e a vaidade. Estas características vão de encontro à característica básica do judô, com seus gestos que demandam força e vigor. Como exemplo, o judô feminino foi uma das modalidades que teve sua prática impedida no Brasil



entre as décadas de 1940 e 1970, em parte por ferir a representação de feminilidade. Culturalmente a feminilidade é valorizada através de esportes que demonstram esta leveza, plasticidade e beleza como no balé ou na dança (DUNNING e MAGUIRE, 1997; DEVIDE, 2005; SILVA, GOMES e QUEIRÓS, 2006; GOELLNERb, 2007). O rompimento desta corrente de valores socioculturais através da prática do judô vem demonstrando que existe uma forma não masculina ou feminina, mas normalizada, sem que para isso, necessariamente, se pratique esportes específicos para reforçar a feminilidade.

Podemos estar diante de um ressignificado do judô enquanto esporte apropriado para mulheres e para homens, quando identificamos uma tendência das informantes afirmarem que todas as atletas são femininas e que o judô não as impede de o serem.

O fato de fazer judô não impede que as meninas sejam femininas, tanto que na nossa equipe hoje todas se preocupam em manter sua vaidade e seu lado feminino sempre em dia. E mesmo de quimono, não acho que perdemos esse toque feminino (Informante 2).

O quimono foi citado em três respostas para justificar que poderia ser o motivo da não feminilidade. Além de o judô ser uma luta vigorosa, é, também, utilizada uma vestimenta larga e grossa, diferente das outras modalidades de lutas que usam roupas apertadas e que contornam seus corpos, delimitando as curvas da cintura e bustos. Por exemplo, no boxe, com o calção e o top; no tae-kwon-do, que sofreu mudança em 2013 no uniforme feminino, ajustando-o ao corpo, justamente para acompanhar o contorno do corpo e chamar mais atenção do público feminino e masculino; e a luta olímpica, que utiliza uma roupa completamente aderida ao corpo, sem mencionar outras modalidades como os esportes aquáticos, o atletismo, o voleibol de praia, dentre outros que foram alvos de pesquisas sobre a percepção destes corpos pela mídia, do tanto que foram valorizados (DEVIDE, 2005; ROMERO e PEREIRA, 2008).

Talvez o quimono (uniforme) não permita identificar a vaidade e a feminilidade das meninas, quanto outras modalidades (informante 3).
Acho muito importante. Vivemos de quimono, então quando tenho chance de me arrumar, fazer unha, cabelo, eu faço tudo e mais um pouco (informante 8).

Na resposta de duas atletas verificamos que há uma representação de esporte masculino no judô: “Até porque o esporte em si já é masculino.” (informante 4); “Não é porque fazemos um esporte “masculino” que não vamos nos cuidar.” (informante 8). Estas respostas, de certo modo, foram utilizadas para justificar a vaidade feminina. Elas indicam que há uma necessidade de autoafirmação de ser feminina se elas mesmas acreditam que o



judô é para homens. A feminilidade, então, está representada pela vaidade, apesar de identificarem o judô como um esporte masculino e justificarem a falta de vaidade com o foco no resultado.

O depoimento da informante 4 pode ser considerado prototípico da percepção de que a masculinização é uma consequência desta prática:

É normal que aconteça a masculinização do corpo em atletas de alto rendimento. O esporte pede a utilização de força, resistência e agilidade. O que só se consegue através de treinamentos específicos que acarretam o resultado visível no corpo (informante 4).

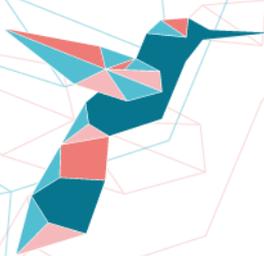
Também as informantes 6 e 10 ilustram que há semelhança de seus corpos com o corpo masculino, musculoso e forte, como marcas de quem pratica judô:

Eu penso que é inevitável ficar musculosa, às vezes, semelhante aos homens, porque precisamos de músculos fortes para praticar o esporte (informante 6). É importantíssimo (masculinização) na vida das atletas. Precisamos ter força (informante 10).

No estudo realizado com nove atletas, oito do futebol e uma de *mix martial arts* (MMA) sobre as dificuldades de permanência nestes esportes, Moura *et al* (2010) constataram o discurso do embelezamento e da vaidade como uma maneira de ajustar a permanência das mulheres em esportes estereotipados. Estes discursos também foram identificados como uma forma de pertencimento nestes esportes com identificação masculina, nos quais a demonstração de beleza e cuidados com a estética seria uma forma de reafirmar as características femininas, tal como usar luvas e calção rosa.

Em acordo com o que foi visto anteriormente nas percepções de feminilidade, a robustez foi apresentada como atributo estético, o corpo definido em sua musculatura, forte e torneado. Entretanto, esta percepção não é consensual. A informante 2, além de ter mencionado o aspecto estético, fez referência ao comportamento da mulher, como meigo e suave.

A percepção de masculinização do corpo através do judô foi percebida por sete atletas como inerente ao processo de treinamento de uma modalidade que demanda força. Houve reconhecimento, por parte das atletas, de que a sociedade estranha uma mulher com corpo musculoso. A informante 7 retrata a dificuldade de se encontrar vestimenta para uso social; em função do corpo musculoso, o atributo da feminilidade estaria atrelado a uma roupa que mostre o contorno do corpo. Se o uso destas roupas não mostra exatamente a curva que se espera de uma mulher, há tanto estranhamento de se ver uma mulher musculosa com roupas justas quanto de ver uma mulher com sobrepeso com as mesmas roupas justas.



Isso faz parte, somos atletas profissionais, por isso eu nem ligo para isso até gosto do corpo mais malhado. (informante 5);

Não acho nosso corpo masculinizado não, acho que somos musculosas sim, mas normal, pois é necessário e a maioria das pessoas gosta, quem não quer ter um abdome tanquinho? (informante 8);

Isso não existe... os corpos das meninas são fortes, torneados, e variam devido às categorias. São fortes, mas nada fora do normal. Ou eu estou acostumada. (informante 3)

Percebemos nas respostas que elas precisam e querem ficar com o corpo musculoso, não há preocupação em serem comparadas com homens. Elas mantêm seu comportamento próprio de mulheres e femininas; mulheres que fazem judô. As atletas entendem que há uma leitura, equivocada, de masculinização, no sentido de musculatura desenvolvida para aquisição de força e melhora de desempenho, que se relaciona com os objetivos de seus treinos. Mas deixam claro que não há masculinização no sentido de perderem suas características femininas, de comportamento, de beleza e vaidade, que se reforçam com as declarações sobre a feminilidade no judô, apresentadas anteriormente.

Bordo (1997) afirma, baseada nos estudos sobre sexualidade de Foucault, que os corpos feminino são marcados, treinados e moldados em formas históricas que especificam o que é ser feminino e masculino, sendo o primeiro com grande gasto de tempo em tratamento e disciplinamento. Entretanto, há uma feminilidade que esta se desfazendo e em constante mutação que é chamado por Foucault de “corpos dóceis” com força e energia habitadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao “aperfeiçoamento”. Desta maneira as mulheres constroem e reconstroem suas formas, sobretudo físicas, para estar sempre provando sua feminilidade.

Os depoimentos das atletas mostram um equilíbrio na percepção de feminilidades e o processo de robustecimento de seus corpos. A prática desportiva se relaciona diretamente com o corpo, as mudanças e situações inerentes à prática moldam as formas e desafiam tradições e conceitos sociais:

O corpo movimenta-se, actua, reage, modifica-se, molda-se, transgride, expressa, recupera, transfigura-se de modo a responder às solicitações que aquela prática desportiva exige. Pode fazê-lo com maior ou menos prazer, com mais ou menos esforço e visando objectivos diferentes. É um corpo de múltiplas configurações, de idades variadas, que expressa etnias, de diferentes raças, que sofre ou se beneficia dos tratos que lhe são dados, portador ou não de deficiência, e é um corpo sexuado. É multiplicidade de corpos, o corpo que pratica desporto (SILVA, GOMES e QUEIRÓS, 2006, p. 1).



A citação acima, das pesquisadoras portuguesas, ilustra as percepções de múltiplas configurações percebidas no desporto, sendo o judô uma prática que exige força, musculatura rija e definida, além de ser uma luta que descende de valores marciais, próprios de combates de guerra, que acabam por modelar o corpo que se espera para lutar. Este é o processo histórico que determina o corpo apropriado para cada prática esportiva e que se transforma atualmente, com a tendência de participação das mulheres em todo e qualquer esporte.

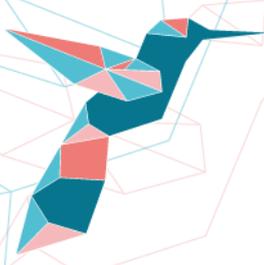
Junto aos avanços com relação aos enfrentamentos, participações e permanência destas mulheres, estão as percepções de feminilidades expressas através de falas que não comparam a prática do judô por mulheres e por homens. Isso nos dá indícios de que se requer mais estudo sobre o espaço das mulheres nos esportes que antes eram de reserva masculina e a reapresentação de se dizer masculino e feminino como algo culturalmente construído na sociedade.

Encontramos nas representações no estudo de Guérandel e Mennesson (2007) com a equipe de judô francesa as mesmas relações observadas em campo na seleção brasileira, quando antes e depois dos treinos as mulheres mantêm estereótipos próprios do que se espera de uma mulher, cabelos longos, às vezes, com acessórios e roupas que delimitam as curvas do corpo. Há uma necessidade de afirmar esta feminilidade através da vaidade.

Silva, Gomes e Queirós (2006) discutem que o clima homofóbico envolto em esportes ditos masculinos pressiona as atletas a se autoafirmarem cada vez mais femininas para evitar questionamentos e confrontações. Concordando com as autoras, os discursos das nossas atletas estão afinados nesta perspectiva de autoafirmação das características femininas.

Dunning e Maguire (1997) já sinalizavam esta preocupação das mulheres em ter sua orientação sexual questionada ao praticarem esportes “não convindos às mulheres”: seriam os esportes de combate e de contato físico que demandam força, velocidade e agressividade, que vão diretamente de encontro às noções de feminilidade, aceitos tanto por homens quanto por mulheres.

Por mais feminina que queira parecer uma mulher que é musculosa e luta, ela não consegue fugir ao estranhamento e a dúvida de sua orientação sexual diante dos modelos sociais. A proposta de se perceber o diferente como normal, fugindo sim da heteronormatividade, está demonstrada através da política pós-identitária de Louro (2001), embasada nas ideias de Butler (1999) sobre a teoria *queer*, que vem criticar modelos binários



como o homossexual/heterossexual para escapar de uma lógica opressora e da subordinação, longe de rótulos e segregações.

Embora durante o treinamento elas mantenham uma postura que aparenta não ter relação com os papéis sociais adotados fora dos treinamentos, a preocupação com a feminilidade foi claramente observada e discutida com um importante marcador para o que se espera das mulheres no cotidiano. Se durante os treinamentos as diferenças estão apenas nas categorias de peso, fora dos treinos os símbolos da feminilidade se tornam quase uma obrigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que há um sutil resquício de preconceito da sociedade em relação à prática do judô por mulheres ao final do século XX e início do século XXI, período de adesão das atletas informantes.

Nos treinamentos entre homens e mulheres, tanto nas observações em campo quanto nas respostas das atletas informantes, ficou evidente que a diferença na força física entre homens e mulheres auxilia na melhora de performance do judô feminino. Como era esperado, há uma separação entre homens e mulheres, principalmente nos treinos mistos, porém não foi identificado que elas preferissem a participação das mulheres em detrimento dos homens, por estarem em maior quantidade.

Corroborando nossas expectativas, ficou evidente, tanto nos treinamentos observados quanto nas respostas das atletas, que feminilidade está associada a aparência. O quimono, por ser uma vestimenta que não favorece as curvas do corpo feminino, foi apontado como um fator que identifica o esporte como mais próximo de características masculinas, assim como a alta definição dos músculos das atletas informantes.

A maior parte das atletas rejeitou o foco da abordagem sobre masculinização do corpo através do judô, e respondeu que é algo que não as preocupa, apontando um processo de avanço nesta temática sobre a estética de seus corpos. A síntese de suas respostas é que não há um corpo masculino ou feminino, há um corpo de lutadora de judô. A representação destas atletas sobre si mesmas é a de corpo musculoso e definido, mas também feminino.

Percebemos neste estudo que há uma tendência de participação feminina sem a preocupação com preconceitos e estereótipos próprios de esportes que demandam força expressiva e uso de uniformes volumosos que não favorecem a estética feminina esperada pela sociedade.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

As mulheres investigadas neste estudo possuem representações e percepções distintas das construções sociais de séculos passados, em que as mulheres deveriam praticar esportes que não ferissem sua beleza, plasticidade e sutileza dos movimentos.

Perceptions Of Femininity In Brazilian Women's Judo High Level

ABSTRACT

The context in which women's participation in sports before said male is growing, this article aims to identify and interpret the perceptions of judo athletes of the Brazilian national high levels on their femininity and disruption to their own appearance, through interviews with ten athletes and observation of training the Brazilian team. We found that, although there remain prejudices about women's participation in these sports, there is evidence that practitioners do not show concern for own prejudices and stereotypes of sports that require strength and expressive use of bulky uniform that does not favor the feminine aesthetic.

Keywords: Judo; Femininity; Martial Arts

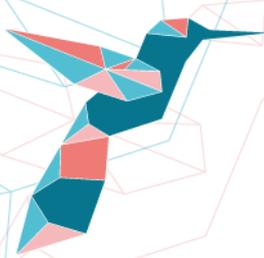
La Percepción de la Femenidad en el Judo de Alto Rendimiento de las Mujeres Brasileñas

RESUMEN

El contexto en el que la participación de la mujer en el deporte antes de que dicho varón está creciendo, este artículo tiene como objetivo identificar e interpretar las percepciones de los atletas de judo de los altos niveles nacionales brasileños en su feminidad y la interrupción de su propia apariencia, a través de entrevistas con diez atletas y la observación de la formación de la selección brasileña. Hemos encontrado que, aunque persisten los prejuicios sobre la participación de las mujeres en estos deportes, hay evidencia de que los profesionales no muestran preocupación por propios prejuicios y estereotipos de los deportes que requieren fuerza y uso expresivo del uniforme voluminosos que no favorece la estética femenina.

Palabras clave: Judo; Femenidad; Las Artes Marciales

REFERÊNCIAS



BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997. p. 10-41.

CAUDWELL, J. *Sport, Sexualities and Queer Theory*. London/ New York: Routledge, 2006.

COLWELL, S. 'Feminisms and Figurational Sociology: Contributions to Understandings of Sports, Physical Education and Sex/Gender', *European Physical Education Review* 5(3), 1999. 219–40.

DEVIDE, F. P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí : Unijuí, 2005.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. *Revista de Estudos Feminista*. v. 5, n. 2, 1997. p. 312-348.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e sociedade, 1992. p. 394-417.

DUNNING, E. *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*. London: Routledge, 1999.

GOELLNER, S. V. O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos. In: *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte*, Recife, 2007a.

_____ Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Revista Movimento*. v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto, 2007b.

GOFFMAN, E. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114

GUÉRANDEL, C.; MENNESSON, C. Gender Construction in Judo Interactions. *International Review for the Sociology of Sport*. 42/2, 2007. p. 167–186

LOURO, G. L. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista de Estudos feministas*. Ano 9, 2º sem, 2001.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MAGNANI, J. G. C. De dentro e de perto: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 17, n 49, 2002.

MOURA, D. L.; BENTO, G. dos S.; SANTOS, F. O. dos; LOVISOLO, H. Esporte, mulheres e masculinidades. *Revista Esporte e Sociedade*. ano 5, n 13, fev., 2010.

ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. *Universo do corpo*. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

RUBIO, K. As mulheres e as práticas corporais em clubes da cidade de São Paulo do início do século XX. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 9, n. 2-3, p. 195-202, 2009.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; QUEIRÓS, P. Género e desporto: a construção de feminilidades e masculinidades. *Revista Digital*, ano 11, n. 96, maio, 2006.

SOUZA, G. C. de; MOURÃO, L. *Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X/ FAPERJ, 2011.